

poligamia e as tradicionais vinganças pessoais. A Rússia medieval é, pois, na verdade, filha de Bizâncio.

( O Comércio Varegue e o Grão-Principado de Kiev, 79 – 84. )

\*

## ROMA E SUA CIVILIZAÇÃO NA TINGITÂNIA

Apesar das insurreições e incursões de mouros na Bética, obra dos nômades, a paz que Roma fez reinar em todo o Império beneficiou muitíssimo a Tingitânia, permitindo mantivesse esta com todas as regiões do **Mare Nostrum** e principalmente com a Ibéria, importantes relações comerciais. Essas relações permitiram também a eclosão duma magnífica civilização urbana na zona do litoral e nas planícies, pois durante quase dois séculos ( de 42 até o reinado de Alexandre Severo, 222-235 ) não houve aí turbação grave e contínua da **pax romana**.

### 1. As relações comerciais da Tingitânia com o mundo romano

Temos absoluta certeza de relações comerciais entre a Mauritània Tingitana e a Ibéria, principalmente com a Bética. Mas, se não possuímos provas de que os mouros iam comerciar diretamente na Europa, sabemos pelo menos que marinheiros e pescadores de Gades e de outros lugares da Ibéria freqüentavam os portos do atual Marrocos e suas costas atlânticas. Eles se aventuraram também, juntamente com os mercadores de púrpura da Getúlia, muito longe, ao longo da costa ocidental da África.

Juba, apesar de ser um sábio e um escritor, procurou obter grandes lucros com a instalação da indústria da púrpura nas ilhas de Mogador, aproveitando a abundância do múrice na costa da Mauritània. Essa indústria constituirá, sem dúvida, um monopólio real, pois só assim se justifica o interesse pessoal do soberano por ela. Horácio, falando da qualidade da púrpura getula, gaba as vestimentas tintas duas vezes: “...**bis Afro murice tinctae lanae...**”

A púrpura da Getúlia foi objeto duma grande exportação para as outras regiões do Império. Infelizmente, não possuímos dados diretos sobre esse comércio, porque conhecemos de modo seguro somente alguma coisa da exportação desse produto da Tingitânia, através do movimento do porto de Cesaréia, que, como sabemos, estava situado na Mauritània Cesariana. Esse porto tinha um comércio intenso com a Ibéria. Tanto é assim, que as cidades que mais importavam mercadorias da Mauritània eram precisamente Gades, Cartagena e

Tarragona, cousa aliás muito natural, em virtude da proximidade existente entre Marrocos e a Ibéria. E a prova da interpenetração comercial entre as duas regiões está no fato de as cidades de Gades e Cartagena solicitarem a Juba a aceitação, por um ano, da sua mais alta magistratura, e no fato, bem característico, dos arqueólogos encontrarem grande número de moedas da África nessas cidades ( e inversamente ), além de inscrições dedicadas a Juba.

Com a Itália, Cesaréia mantinha comércio bem concorrido, como provam os restos de vasos vermelhos chamados *arretinos*, cobertos com um verniz brilhante e com imagens em relevo, oriundos de Arretium ( Arezzo, na Toscana ), pois eles conservam ainda as marcas de fábrica bem visíveis. Esse comércio durou de 40 a.C. a 60 da nossa era, mais ou menos. Algumas fábricas de cerâmica da Campânia exportaram também seus produtos para Cesaréia. Vasos iguais a esses, mas originários da Gália ( da região de Rouarge ), são encontrados igualmente em Cesaréia; parece que penetraram na África do Norte entre o reinado de Tibério e o fim do I século. Nesses locais são encontradas muitas moedas provenientes da África e vice-versa.

Sabemos muito pouca cousa sobre as vias romanas da Tingitânia. As colônias fundadas por Augusto nessa região estavam ligadas aos portos marítimos e talvez também entre si. Conhecemos, mas em época posterior à desse imperador, a existência de vias romanas entre Tingis, Sala ( Chela ) e Ad Mercurium, assim como entre Tingis e Volubilis. Mas é interessante ressaltar que essas cidades estavam mais ligadas à Ibéria, que lhes ficava bem próxima, do que às outras províncias do norte da África. As comunicações por terra com as regiões vizinhas não foram sempre contínuas, mesmo no III e IV séculos, quando a rede das vias romanas atingiu seu desenvolvimento máximo, porque o desfiladeiro de Taza foi ocupado várias vezes pelos nômades, antes de lhes cair definitivamente em mãos. A prova disso está em que se ia de Tingis a Porto Magno, na Cesaréia, somente por mar. Essa solução de continuidade nas comunicações terrestres explica-se também pela grande facilidade e segurança dos transportes marítimos. Além disso, muitos dos rios da Berbéria eram navegáveis e por eles as cidades do interior se comunicavam com o litoral. A navegação era também muito ativa na costa norte da África, onde abundavam o peixe e o múrice.

As cidades da costa ocidental da Tingitânia tinham laços estreitos com as cidades da costa ibérica. Tanto isso é verdade, que Tingis estava ligada a Belo por um serviço regular de transportes marítimos — apesar da distância entre elas ser de trinta milhas mais ou menos — acontecendo o mesmo entre Lixo e Gades. O tio de Columela encontrou carneiros da África em navios

de certos *munerarii*, exportadores de animais ferozes destinados aos jogos circenses. Siga, na Cesariana, comunicava-se da mesma maneira com Málaga, que Estrabão e Plínio chamam de “mercado dos nômades da outra margem.”

Existe também um grande número de inscrições assinalando a presença de espanhóis na África e de africanos na Espanha. Assim é que um cidadão de Cesaréia residia em Tarraco e que um espanhol da Bética, enterrado naquela cidade, deixou um epitáfio em que revela sua origem: **Baetica me genuit tellus.**

Mas apesar desse comércio intenso com a Itália e principalmente com a Ibéria, e não obstante a fundação de colônias romanas ao longo do litoral e no interior, a Mauritània foi sempre uma região mal conhecida pelos escritores gregos e latinos.

## 2. As colônias romanas e a civilização urbana

A influência de Roma se fez sentir na Tingitânia principalmente nas cidades, quase todas situadas no litoral. Essa influência foi mais intensa nas colônias romanas fundadas — algumas em antigas cidades púnicas — depois da vitória de Otávio. De fato, este criou uma dezena de colônias, mas não as menciona no relatório oficial do seu reinado, porque não foram fundadas em província romana, pois nessa época (entre 33 e 25 a.C.) a Mauritània estava dependente de Augusto, numa situação toda especial. Com a instalação do reino de Juba II, seria difícil supormos a criação de novas colônias romanas num reino estrangeiro, ainda que dependente de Roma.

Mas não foram somente as colônias e as cidades marítimas os focos de romanização da Tingitânia. Volubilis, que dominava uma extensa planície, tornou-se o centro mais ativo e florescente dessa região, principalmente após a época de Septímio Severo (193-211), que parece tê-la visitado. Isso não quer dizer que ela não tivesse sido antes uma cidade importante, pois segundo a opinião de Carcopino, Volubilis foi uma das residências reais de Juba e depois se tornou, temporariamente, a sede do governo romano na Tingitânia. Em todo o caso, Volubilis foi a sede dum município romano, criado na época de Cláudio, em substituição a uma próspera cidade indígena. Hoje ela apresenta ruínas imponentes, chamadas pelos indígenas de Ksar Faraun (Castelo dos Faraós). De suas escavações, podemos concluir que era uma cidade que podia conter uma população urbana de 15 a 20 mil habitantes. Foram exumados das ruínas o arco de Caracala, ruas, casas, lugares; foi descoberto o fórum com sua basílica, suas estátuas e sua tribuna; foram encontrados também belos mosaicos, objetos de arte, como o famoso cão de bronze, um efebo em bronze (bela

cópia dum original grego do V século a.C.) e uma cabeça de mármore na qual se pretende reconhecer os traços dum jovem bérbere.

Devemos dizer, entretanto, em abono da verdade, qua a civilização romana na Tingitânia foi menos brilhante que em qualquer outra província da África do Norte, pois as ruínas de Cesaréia, de Lambessa, de Thebeste etc., são muito mais ricas. Não vemos aí também a magnífica eclosão das artes, das ciências e das letras, — que só com o Cristianismo adquiriram certo brilho na Tingitânia — que fizeram da Bética, depois de Trajano, a mais romanizada das províncias do Império, pois não encontramos nem em Tingis, nem em Volubilis, as mesmas provas de vida intelectual. Como explicar esse fato, sendo as duas províncias tão próximas uma da outra? Pensamos que a resistência dos indígenas das zonas montanhosas, o acantonamento dos romanos e dos romanizados nas cidades do litoral, assim como a distância que separa Marrocos de Roma — mesmo sem levar em conta que ela foi a última província conquistada no Extremo-Occidente do Mediterrâneo — explicam sobejamente porque na Tingitânia encontramos a civilização romana mais atenuada. Mas em todo o caso, a Bética foi de todas as províncias do Império Romano, a que mais fez sentir sua influência na Tingitânia. Temos a prova disso na escultura e na arquitetura, pois existe uma semelhança notável entre certos capitéis e estátuas da Tingitânia e da Espanha.

Essa civilização urbana, oriunda de Roma, encontrou uma base fenício-púnica. E não podia deixar de ser assim, pois as antigas colônias fenícias e cartaginesas foram fundadas ao longo do litoral e os indígenas adotaram os usos e costumes semitas, ficando o interior quase imune desse contacto. Sabemos também que as cidades indígenas fundadas depois do domínio cartaginês, portanto em pleno período romano, conservaram curiosamente os quadros e as instituições púnicas, como, por exemplo, Volubilis. Isso vem mostrar que foi no interior de Marrocos que a civilização púnica penetrou por último e por isso mesmo foi aí o seu derradeiro reduto. O mesmo acontecerá com o cristianismo, na época romana.

A Tingitânia foi antes de mais nada uma província militar e seu exército de ocupação protegia a Bética e a Cesariana, mais romanizadas, do ataque dos nômades. Esse exército foi recrutado depois dos Antoninos, na sua maioria, entre os próprios indígenas, acontecendo o mesmo com a administração. Portanto, o caso da Tingitânia é bem diferente do das outras províncias do Império, onde a agricultura pôde tomar grande incremento. Na Tingitânia, cada

cidade era um centro de romanização com uma guarnição permanente, mas possuindo pouca indústria e pequeno comércio de cereais.

A partir da época de Aureliano ( 270-275 ), portanto em pleno III século, as cidades da Tingitânia estavam fortificadas e não possuíam território maior que vinte e cinco hectares. Toda cidade que passasse desse limite devia criar uma colônia. Temos um exemplo disso na fundação de Tocolosida por Volubilis, em 204 mais ou menos, segundo as inscrições. Esse fato explica porque havia tantas cidades no triângulo Tingis-Volubilis-Sala. Essa aglomeração de cidades num pequeno território, foi prejudicial à Tingitânia, porque as crises políticas e sociais do Império repercutiram aí duma maneira intensa, facilitando assim a tarefa das tribos insubmissas, que sempre atacaram os sedentários romanizados, defendidos pelas muralhas da cidade.

Podemos medir, de maneira concreta, até onde a romanização, sob a forma urbana, penetrou em Marrocos. Basta observarmos a localização do **limes** que defendia o sedentário romanizado do nômade insubmisso. Na Tingitânia esse **limes** passava ao sul de Sala no I século, mas já no III século os romanos possuíam apenas, **grosso modo**, o litoral ao sul de Rusadir. Esse recuo é consequência da introdução do camelo, pois esse animal deu ao nômade a velocidade e a mobilidade necessárias para atacar o sedentário no momento favorável, e a faculdade de retirar-se rapidamente, assim que sentia resistência encarniçada. Paralelamente ao recuo do **limes**, temos a expulsão dos etíopes das estepes do sul de Marrocos para o Sudão.

Após o III século, o domínio romano só se manteve nas cidades costeiras da Tingitânia e assim permaneceu até a conquista da África do Norte pelos vândalos, que dominaram também na zona do litoral, para, por sua vez, caírem exangues sob os golpes da reconquista de Justiniano, que não conseguiu recuperar o interior da Tingitânia.

A romanização da Tingitânia se processou, portanto, somente nas cidades. Daí, o contraste violento entre as populações urbanas e as populações nômades das montanhas, entre os costumes mais ou menos policiados e a barbárie ou a semibarbárie, quase imutáveis: essa oposição é um dos característicos mais particulares da história de Marrocos.

Finalizando, podemos concluir dizendo que Roma, conquistando todas as regiões ocidentais ribeirinhas do **Mare Nostrum**, procurou torná-las um prolongamento da Itália, introduzindo nelas sua civilização urbana. Na Tingitânia, ela só conseguiu seu intento parcialmente e assim mesmo através da

Ibéria. Esse fato é curioso, porque se a Proconsular foi uma das províncias mais romanizadas, a Tingitânia, como muito bem o disse Gsell, foi um **baluarte** da Espanha.

( Marrocos e suas relações com a Ibéria na Antiguidade, 248 — 258. )

\*

#### O IV SÉCULO E A DECADÊNCIA DO IMPÉRIO

A respeito do IV século, os códigos legais revelam o completo controle estatal sobre o indivíduo. Não apenas algumas profissões, mas todas estão agora organizadas em **collegia** hereditários. Sabe-se, por exemplo, da existência de associações de estalajadeiros, pescadores, oleiros, cinzeladores etc. Havia organizações similares de funcionários públicos, de polícias, obreiros das oficinas têxteis do Estado, casas de cunhagem de moedas. Chegou-se ao cúmulo, em 406, de se proibir aos padeiros que se casassem fora de sua classe. E logo após o arrolamento de alguns **collegia**, como por exemplo, o dos **curiales**, tornou-se punição para a classe burguesa das cidades provinciais e pena para todos os que até então tivessem escapado à “incorporação”.

Nas cidades provinciais abaixo dos decuriões estavam os artesãos agrupados em corporações ( **collegiati** ). Estavam isentos do imposto de capitação ( **capitatio** ) que só incidia sobre a população rural, mas deviam, sem dúvida, prestar serviços gratuitos ao Estado ( **corvéia** ).

É dentro da plebe que devemos enquadrar os profissionais liberais como: médicos, advogados, professores, que não eram pessoas de fortuna, mas também não eram miseráveis. Desde o Alto-Império gozavam de imunidades que Constantino e seus sucessores houveram por bem manter. Beneficiavam-se sobretudo das longas férias dos tribunais e das escolas. Os professores e sobretudo os advogados podiam fazer uma bela carreira política.

Tanto a decadência da organização política do Império Romano como o despotismo crescente dos imperadores reflete-se no **status** social de todo o Império. As fontes de riqueza haviam diminuído de muito; a classe média acantoadada nas cidades foi desaparecendo em virtude da sujeição dos seus bens à magistratura exercida na Cúria; as classes pobres sofriam negra miséria, chegando mesmo, algumas vezes, a se sublevar, como o fizeram no fim do III século os camponeses da Gália.